

# AS “GUERRAS DO PARAGUAI”: UMA BREVE REVISÃO DAS ANÁLISES DA GRANDE GUERRA A PARTIR DAS PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS DO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XX

## THE “WARS OF PARAGUAY”: A BRIEF REVIEW OF THE ANALYZES OF THE GREAT WAR FROM THE HISTORIOGRAPHICAL PERSPECTIVES OF THE LAST QUARTER OF THE 20TH CENTURY

BRUNO CÉSAR PEREIRA\*

**Resumo:** A chamada Guerra do Paraguai pode ser considerada um dos principais temas da historiografia brasileira. Muitos foram os textos publicados sobre o assunto, desde o final do século XIX até os dias atuais. O presente trabalho se propõe a apresentar as principais perspectivas de tal marco histórico a partir da análise das correntes *revisionistas* e *neo-revisionistas*, do final do século XX. Essas novas correntes de análises da Guerra, como evidenciaremos, buscaram quebrar com os as principais características da “história tradicional da guerra”, que até então se pautava em datas, heróis e batalhas. Todavia, como apresentaremos, essas correntes do final do novecentos, em sua busca de desconstruir um imaginário sobre a Guerra, contribuíram para criar um novo.

**Palavras-chave:** Grande Guerra; Historiografia; Visões da Guerra

**Abstract:** The so-called War of Paraguay can be considered as one of the main themes of Brazilian historiography. Many were the texts published on this theme, either during the late nineteenth century to the present day. This paper proposes to present the main perspectives of this historical milestone from the analysis of the revisionist and neo-revisionist currents of the late twentieth century. These new currents of analysis of the War, as we will show, tried to break with the main characteristics of the “traditional history of the war”, that hitherto was based on dates; heroes and battles. However, as we

---

Artigo recebido em 10 de abril de 2018 e aprovado para publicação em 31 de agosto de 2018.

\* Graduando em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO – Campus Irati. E-mail: [bruno\\_o8cesar@outlook.com](mailto:bruno_o8cesar@outlook.com).

shall show, these currents of the late nineteenth century, in their quest to deconstruct an imaginary about the War, contributed to create a new one.

**Keywords:** Great War; Historiography; Visions of War

### **Das Ideologias nacionalistas aos estudos contemporâneos**

Ao longo dos séculos XIX e XX, e já entrando no século XXI, contemplamos inúmeros trabalhos, sejam livros, artigos, ensaios, charges, dissertações ou teses<sup>2</sup>, que em seu âmago destacam a Guerra do Paraguai. A partir de tais estudos, observamos as mais variadas problemáticas acerca de tal guerra, que destacam desde as questões políticas e econômicas às sociais, ideológicas, etc.

Comprendemos que as produções historiográficas e de outros intelectuais a respeito da Guerra do Paraguai estão diretamente ligadas ao tempo histórico de seus autores, como, por exemplo, as produções no pós-guerra estiveram ligadas a militares que atuaram no conflito, surgindo, a partir de seus escritos (diários e textos), as primeiras produções textuais sobre a guerra. É a partir desses escritos que temos as primeiras produções historiográficas do século XX, fontes estas que seriam revisadas ao longo da segunda metade do mesmo século. Todavia, os novos historiadores do final do Novecentos introduzem outras fontes a suas pesquisas, com o uso de periódicos da época, bem como os relatórios da guerra, presentes nos arquivos do Exército Brasileiro.

Dessa forma, nota-se que tais produções, do final do XIX aos tempos atuais, propenderam conforme o contexto, seja ele político ou social, de suas publicações. No caso das obras historiográficas, destacamos, ainda, que os autores voltaram seus olhares e definiram suas abordagens a partir também das correntes historiográficas que seguiam, por exemplo, os historiadores da segunda metade do século XX partiram de discussões e problemáticas de correntes como o Marxismo, a História Social e Nova História

---

<sup>2</sup> Destacamos que, ao longo da guerra, tivemos várias produções em periódicos, como jornais, sobre este fato histórico. Passado o conflito, a produção de textos que destacavam a guerra esteve concentrada em livros didáticos de História, em especial os produzidos pelo Colégio Pedro II. O tema da Guerra do Paraguai seria novamente destacado e revisado apenas no final do século XX, com novas perspectivas, tanto da História Social como da Nova História Cultural, a partir das quais estas duas correntes passariam a destacar diferentes aspectos do conflito, relativizando pontos que até então se encontravam cristalizados no imaginário sobre a guerra. Destacamos aqui o texto de Mário Maestri (2009), “A Guerra contra o Paraguai: História e historiografia”, que foi ponto norteador deste estudo, realiza uma bela discussão acerca das produções de intelectuais e historiadores sobre a Grande Guerra. Ver: MAESTRI, Mário. A Guerra contra o Paraguai: História e historiografia: da instauração à restauração historiográfica (1871-2002). Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Buenos Aires-ARG, 2009, s/p.

Cultural. Em síntese, tais autores – em especial aqui se tratando de historiadores –, além da influência social/política, realizam seus estudos sobre a Guerra a partir de uma série de conceitos ou noções, enfatizando seja a política, a economia, assim como as questões tocantes à sociedade, etc.

As narrativas acerca da Guerra do Paraguai variaram seus enfoques, inicialmente observamos narrativas voltadas diretamente a uma ideologia nacionalista do Império, ou seja, as abordagens sobre tal tema ao longo da guerra bem como no pós-guerra tiveram seus discursos de intelectuais do momento, o que é possível observar também nas pinturas dos clássicos autores Pedro Américo e Victor Meireles, os principais nomes da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), dentre as quais se destacam os confrontos da guerra *A Batalha do Avaí*, de Américo, e *Combate Naval do Riachuelo*, de Meirelles<sup>3</sup>.

Todavia essas abordagens tomariam discursos diferentes ao longo do início da República, onde pode ser observada uma disputa intelectual acerca desse fato histórico. Ao se tratar da guerra no início da República brasileira, o discurso voltado às ideologias nacionalistas do Império é substituído por visões a respeito dos feitos e contribuições dos militares que estavam no comando da nação. O que podemos evidenciar ainda a respeito dessas publicações são as exclusões da grande massa, não apenas em relação à sua participação na guerra, como também na proclamação da República.<sup>4</sup>

Os anos finais do século XIX e início do século XX são marcados por produções voltadas a ‘matar’ o Império, produzidas pelos republicanos, mas ainda era possível encontrar algumas obras que mantinham discurso de apoio ao regime passado. Segundo André Mendes Salles, este período também é marcado pela construção de uma História nacional, a qual, na perspectiva do autor, cristalizaria uma visão sobre a guerra, pautada nas obras e visões memorialistas e patrióticas.<sup>5</sup>

As principais obras que abordaram os aspectos da guerra ao longo de toda primeira metade do século XX estiveram voltadas às narrativas produzidas ao longo do pós-guerra, ou seja, as principais fontes para a História foram tais narrativas. Este longo período de publicações sobre a guerra cristalizaram no imaginário social algumas características, como os motivos do confronto e o enaltecimento do Exército.

<sup>3</sup> Tais obras atualmente são classificadas no gênero de “pinturas históricas”, que cristaliza no imaginário social alguns dos principais fatos históricos, políticos, da nação brasileira.

<sup>4</sup> LESSA, Carlos. Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira. *Estudos Avançados*, v. 22, 2008, pp.237-56.

<sup>5</sup> SALLES, André Mendes. A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira: algumas considerações. *Cadernos do Aplicação*. Porto Alegre: v. 27-28, jan.-dez. 2014/2015, p. 29-41. p.32.

Entre as principais formas de divulgação e de difusão dessa carga de características, destacamos os livros didáticos. Uma série de pesquisas sobre o ensino de História tem constatado que os livros didáticos têm sido o principal material usado nas aulas, e as discussões propostas por eles, nos temas que os livros abordam, contribuem de forma significativa para a construção do saber histórico da sociedade<sup>6</sup>. Em se tratando do tema “Guerra do Paraguai”, os livros didáticos, em especial os produzidos ao longo da primeira metade do século XX, foram responsáveis por reproduzir uma visão da guerra pautada em aspectos memorialísticos e patrióticos, nas palavras da pesquisadora Ana Paula Squinele<sup>7</sup>, segundo um modo “tradicional”<sup>8</sup>.

Podemos compreender que as obras didáticas produzidas ao longo da primeira metade dos Novecentos se pautaram em narrar o acontecimento, enaltecendo os ‘grandes’ nomes da guerra, ou seja, os generais e comandantes, assim como em enumerar os motivos do confronto, como a visão sobre Solano López, a invasão paraguaia a territórios brasileiros, na perspectiva de uma história tradicional, pautadas em fatos, datas e ‘grandes’ nomes.

Em especial se tratando do ensino de história neste período, a grande maioria das obras produzidas nos anos iniciais da república até meados das décadas de 1950 era produzida, em sua maioria, por intelectuais e professores ligados ao Colégio Pedro II. A grande maioria dessas obras seguia modelos de uma História um tanto ‘tradicional’, voltada a apresentar aos estudantes uma ‘História nacional’ através de fatos, nomes e datas. Segundo Ivan Manoel, as obras didáticas se pautavam na criação de um cidadão “republicano”<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Sobre este ponto, a relação do ensino de história e os livros didáticos, destacamos os textos: SILVA, Edlene. Livros Didáticos e o Ensino de História. História & Ensino, Londrina, v. 17, n. 01, 2011, p. 07-31; e o Dossiê “Educação e Imaginário Social” publicado no periódico Em Aberto, em 1994.

<sup>7</sup> SQUINELO, Ana Paula. Revisões historiográficas: A guerra do Paraguai nos livros didáticos brasileiros – PNLD 2011. Diálogos, v. 15, n. 01, 2011, p. 19-39.

<sup>8</sup> A este modelo tradicional, do qual a autora cita características como o patriotismo, a criação de “heróis”, etc, a autora destaca um conhecido autor de manuais didáticos brasileiro, o paranaense Rocha Pombo. Entre os principais pontos destacados pela autora dos manuais deste autor, ela identifica que Pombo resumia as causas do conflito “criando” e “legitimando” a tirania de Solano López: “Pombo não deixou de explicitar sua opinião sobre López; em sua obra *Nossa Pátria*, o autor fez severas acusações contra López: ‘[...] tão cruel que ia deixando o solo, por onde fugia, juncado de cadáveres dos seus próprios amigos e até dos irmãos. Todos os que não venciam eram mortos.’” SQUINELO, Ana Paula. Revisões historiográficas: A guerra do Paraguai nos livros didáticos Brasileiros – PNLD 2011. Diálogos, v. 15, n. 01, 2011, p. 19-39.

<sup>9</sup> Inúmeras foram as obras didáticas produzidas ao longo das primeiras décadas do século XX, das quais grande parte foi organizada por profissionais ligados a duas importantes instituições desse período, o tradicional colégio carioca Pedro II e o Instituto Histórico Geográfico – IHGB. Tais obras estiveram à disposição de instituições de ensino espalhadas por todo o país. Ver melhor em: MANOEL, Ivan A. O ensino de História no Brasil: do Colégio Pedro II aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Conteúdos e didática de História, UNESP, 2012, p. 1-24.

Uma nova visão sobre a guerra aparecia somente na segunda metade do século XX; novos historiadores e historiadoras se voltam ao passado e dão novas vozes aos sujeitos históricos. Em especial essa nova abordagem da historiografia se pautou em buscar trazer à tona novos protagonistas da guerra, ressignificando o novo fazer histórico.

### **A “Nova” Guerra do Paraguai: Das influências inglesas à queda de uma grande nação**

Efetivamente, por muito tempo, nos discursos acerca da guerra, historiadores e intelectuais brasileiros se voltaram apenas a discursos memorialistas e patrióticos, dado que a principal fonte utilizada por eles, ao longo da primeira metade do século XX, foram as produções realizadas ao longo e no pós-guerra.

Porém, já na segunda metade dos Novecentos, podemos observar uma nova corrente de historiadores, com uma nova perspectiva a respeito da guerra. Tais estudos se pautavam em desconstruir os chamados ‘mitos’ dessa guerra, em especial, quebrar com as visões a respeito da ‘ditadura’ de Solano López. Mas, como propõe Salles, “ao tentar desconstruir mitos criados pela historiografia precedente, a historiografia *revisionista* findou por criar novos mitos, como o suposto desenvolvimento paraguaio do pré-guerra”<sup>10</sup>.

Essa nova corrente historiográfica, *revisionista*, se pauta em realizar uma análise um tanto crítica das produções até aquele momento, e dela destacamos obras clássicas como a do historiador argentino León Pomer, que publicaria em meados da década de 1960 a obra *La Guerra del Paraguay – Gran Negócio!*, traduzida para o português em 1980 com o título “A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rio-platense”<sup>11</sup>. Esta nova abordagem historiográfica traz ‘luz’ a um acontecimento até então encoberto e manipulado pelos discursos, seja da ideologia do Império nas décadas finais do século XIX, bem como pela visão memorialista e patriótica dos intelectuais positivistas ao longo da primeira metade do século XX.<sup>12</sup>

A obra de Pomer pode ser considerada um marco dessa nova corrente, pois nos apresenta uma nova visão crítica a respeito da Guerra do Paraguai, por sua análise

<sup>10</sup> SALLES, André Mendes. A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira: algumas considerações. Cadernos do Aplicação. Porto Alegre: v. 27-28, jan.-dez. 2014/2015, p. 29-41. p. 34.

<sup>11</sup> POMER, León. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rio-platense*. Tradução Yara Peres. São Paulo: Global, 1980.

<sup>12</sup> MOTA, Carlos Guilherme. História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870) 130 anos depois. Estudos Avançados. São Paulo, v. 9, n. 24, mai/ago 1995 p. 243-254.

crítica a respeito das obras até então publicadas. Além disso, como observado por Salles, o historiador argentino busca analisar questões através do prisma da influência do capitalismo internacional, com destaque para o imperialismo britânico na América Latina, bem como a influência das elites locais no desenrolar da guerra.

Destacamos ainda nessa corrente as contribuições do jornalista brasileiro José Júlio Chiavenatto, que já nos anos finais da década de 1970 publicou “Genocídio Americano”<sup>13</sup>, obra esta que segue a mesma linha do historiador argentino citado acima.

Tanto a obra de Chiavenatto, como a de Pomer propõem uma nova compreensão da guerra, possibilitando trazer à tona novas problemáticas, como as da influência inglesa na guerra, do capitalismo, ou a da tragicidade do conflito. A este olhar trágico, observamos que esteve estritamente ligado à nova corrente, que propunha, a respeito do conflito, se pautar em analisar as consequências da guerra, os milhares de mortos, as epidemias que assolaram grande parte dos soldados, os erros táticos que mataram muitos, bem como as táticas utilizadas pelos ‘grandes’ generais brasileiros, tomados como ídolos ou heróis na corrente passada, como o envenenamento de nascentes, causando a morte de milhares de soldados e civis na guerra.

Entre outros aspectos dessa nova versão histórica, observamos o destaque à influência do capital inglês, como sugere o próprio título da obra de Pomer – a expressão *Gran Negócio!* –, na qual o historiador evidenciara que a influência inglesa se deu tanto no campo dos investimentos da guerra, como na justificção dela por intermédio de intelectuais ingleses. Tanto o historiador argentino, quanto o jornalista brasileiro destacam, ainda, que a influência inglesa se deu através de apoio às elites locais, oscilando entre uma oligarquia latifundiária e uma burguesia comercial. Em linhas gerais, esses autores nos apresentam que a influência inglesa buscava se articular, realizar parcerias com os grupos dominantes.<sup>14</sup>

De fato a participação inglesa nesse confronto é inegável, como propõe essa nova corrente, mas, como bem observa Salles, ela peca ao resumir tal confronto a tal influência, observando as elites locais como uma mera ‘extensão’ do Imperialismo inglês na América Latina. Nas palavras de Salles, “apesar de destacar a atuação das elites locais, no desenrolar do conflito, Chiavenatto as apresenta assim, como os seus

---

<sup>13</sup> CHIAVENATTO, Júlio José. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>14</sup> AMAYO, Enrique. A Guerra do Paraguai em perspectiva histórica. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 9, n. 24, mai/ago 1995, p. 255-258.

correspondentes governos, como fantoches dos desejos das elites imperialistas da Inglaterra [...].<sup>15</sup>

Segundo o mesmo autor, é inegável os avanços dessa corrente *revisionista*, pois contribuiu para quebrar com a visão acerca da guerra pautada nas narrativas memorialistas. As obras das décadas de 1960 até meados de 1980 serviriam de base para uma nova corrente historiográfica que traria novas discussões e análises na década de 1990, que, segundo Francisco Doratioto, se caracterizaria por pesquisas sólidas, em fontes primárias (nos arquivos do Exército Brasileiro), assim como por pesquisas que contribuíam para a quebra de um imaginário social acerca de alguns personagens históricos, assim como a inclusão de novos personagens neste conflito.<sup>16</sup>

### **Uma visão um tanto atual: da queda dos mitos à exaltação de outros, até então, excluídos**

Do início da guerra até meados dos anos 1980, mais de um século se passou, e uma infinidade de narrativas foram construídas, cada qual seguindo um modelo em seu tempo, seja para justificar, construir, ou legitimar um discurso, proposto por seus autores, inseridos em seu tempo histórico.

Na segunda metade da década de 1980, com destaque maior para a década seguinte, 1990, uma infinidade de novos trabalhos passou a ser produzida, trazendo uma nova compreensão a respeito da guerra. Essa nova visão é elaborada por uma nova corrente que passa a florescer, o *neo-revisionismo*.

Essa nova abordagem, como bem observa Doratioto, se pautou em destituir não só os antigos, como os novos mitos criados em torno da guerra, como é o caso das ilustrações e visões a respeito de Solano López, bem como em quebrar os mitos construídos sobre a grande influência inglesa na guerra, ou sobre o autodesenvolvimento de nação paraguaia.

Esta nova corrente, diferente das demais, deu um grande destaque às fontes primárias, em especial à documentação que até então estava sob a posse apenas do Exército Brasileiro. Contudo, se utiliza das obras produzidas ao longo das primeiras

---

<sup>15</sup> SALLES, André Mendes. A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira: algumas considerações. Cadernos do Aplicação. Porto Alegre: v. 27-28, jan.-dez. 2014/2015, p. 29-41. p.35.

<sup>16</sup> DORATIOTO, Francisco. História e ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Buenos Aires: Museu Histórico Nacional da Argentina, 2008.

décadas do século XX<sup>17</sup> analisando-as a partir do que poderíamos chamar de um ‘olhar de historiador’, ou seja, buscando interrogá-las, compreendê-las não como meras produções narrativas a respeito da guerra, mas sim como discursos que trazem em suas entrelinhas representações do momento histórico de seus autores.

As novas perspectivas nos trazem novos sujeitos históricos, um novo olhar, pois até então a historiografia e as produções intelectuais se pautavam em analisar os motivos da guerra, seus heróis e algozes, as relações políticas, econômicas, ideológicas, etc. A corrente *neo-revisionista*, em muitas de suas obras a partir da década de 1980/90, destaca novos personagens: a população, os escravos, o cotidiano, etc.

A participação dos escravos é tema central em inúmeros trabalhos acadêmicos. Para exemplo, citamos a dissertação de Marcelo Santos Rodrigues, intitulada *Os (in)voluntários da pátria na Guerra do Paraguai*<sup>18</sup>, a monografia de Luis Claudio Batista, *Guerra do Paraguai: Peculiaridades do recrutamento*<sup>19</sup>, e, por fim, o artigo de André Amaral de Toral intitulado “A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai”<sup>20</sup>. Por muito tempo estes autores estiveram à margem da historiografia brasileira; contudo, segundo as abordagens dessa nova corrente, ganharam espaço de destaque.

Segundo André Amaral de Toral, a participação de escravos como membros do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai foi denunciada pelos próprios paraguaios, por meio de seus jornais, nos quais, segundo o autor, “os redatores dos jornais paraguaios da época tratavam de menosprezar o exército brasileiro com base no duvidoso argumento de que, por ser formados por negros, deveria ser de qualidade inferior”<sup>21</sup>.

Orlando Bispo dos Santos, ao analisar a participação de negros na composição do Exército, observa que inicialmente o alistamento era obrigatório, o que causou certa resistência por parte dos mesmos, mas, a adoção de uma nova estratégia pelo governo –

---

<sup>17</sup> Entre as produções do início do século, destacamos obras como: *Cartas da Guerra*, de Benjamin Constant, *As reminiscências*, de Dionísio Cerqueira, o *Diário*, André Rebouças, e a obra *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, de autoria de Tasso Fragoso e composta por cinco volumes. Todas essas obras possuíam ligação direta com o Exército Brasileiro e, por muito tempo, foram base para pesquisadores e intelectuais analisarem e escreverem sobre o conflito. Ver: SQUINELO, Ana Paula. 150 anos da Guerra do Paraguai: olhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. *Diálogos*, v. 19, n. 03, 2015, p. 921-927.

<sup>18</sup> RODRIGUES, Marcelo Santos. *Os (in)voluntários da pátria na Guerra do Paraguai*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2001.

<sup>19</sup> BATISTA, Luis Claudio. *Guerra do Paraguai: Peculiaridades do recrutamento*. Monografia (Trabalho de conclusão de curso [TCC] em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010.

<sup>20</sup> TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 9, n. 24, mai/ago 1995, p. 287-296.

<sup>21</sup> *Ibidem*.



como, por exemplo, a promessa de liberdade aos escravos após o término da guerra – gerou um aumento significativo no alistamento.<sup>22</sup>

Parte das promessas do governo foi cumprida, de modo que muitos negros que participaram da guerra ganharam sua alforria; mas muitos deles não obtiveram o benefício. As novas análises da guerra proporcionaram a uma gigantesca parcela da população do XIX o seu direito de participar da história nacional – como propõem Mota, aos poucos, o silêncio referente à História de tal conflito vêm à tona.<sup>23</sup>

Doratioto, ao evidenciar as contribuições dessa nova corrente, propõe que

A *Nueva* Historiografia [neo-revisionismo] emerge no contexto do fim das ditaduras no Cone Sul e, no plano mundial, do término da Guerra Fria. Esses acontecimentos levaram à abertura de arquivos; a maior liberdade acadêmica e à oxigenação ideológica, criando as condições para a ousadia intelectual por parte dos historiadores, que passaram a estudar novos objetos e questionar antigas interpretações que se apoiavam em precária base documental. Foi a redemocratização dos países que vivenciaram a Guerra do Paraguai que permitiu superar o revisionismo simplificador.<sup>24</sup>

São inúmeros os trabalhos que trazem uma nova visão a esta historiografia, segundo Salles, contribuindo de forma significativa para a quebra com todos os mitos propostos ao longo de mais de um século. Segundo o autor, muitos dos trabalhos da corrente *neo-revisionista*, como é o caso do consagrado historiador F. Doratioto, ao serem analisados, conseguem observar que o autor desconsidera os avanços realizados entre as décadas de 1960 e meados de 1980. Salles defende que “Doratioto, em sua desqualificação da historiografia *revisionista*, argumenta que esta segue uma perspectiva ideológica, militante. Deveríamos aqui destacar que não é somente a historiografia de esquerda que é militante, assim como nos faz entender Doratioto”.<sup>25</sup>

Como bem observa o autor supracitado, e ao longo deste trabalho, propusemos a compreender que as narrativas acerca da Guerra do Paraguai estiveram

<sup>22</sup> À questão do alistamento, Chiavenato propõe em sua obra *Genocídio americano* destaque para o alistamento forçado como única forma de alistamento. Segundo Francisca Carla Santos Ferrer, esta construção do alistamento reduz as discussões acerca dos sujeitos que participaram do conflito; ou seja, segundo o autor este momento político era marcado também pelos sentimentos nacionalistas, além, é claro, dos privilégios que o alistamento voluntário teria, como é o caso da promessa de alforria. Ver melhor em: FERRER, Francisca Carla Santos. *O recrutamento militar na Guerra do Paraguai: Voluntariado e Coerção*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH Sociedades Ibero-Americanas. Porto Alegre: PUC Rio Grande do Sul, 2004.

<sup>23</sup> MOTA, Carlos Guilherme. História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870) 130 anos depois. Estudos Avançados. São Paulo, v. 9, n. 24, mai/ago 1995 p. 243-254.

<sup>24</sup> DORATIOTO, Francisco. História e ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Buenos Aires: Museu Histórico Nacional da Argentina, 2008.

<sup>25</sup> SALLES, André Mendes. A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira: algumas considerações. Cadernos do Aplicação. Porto Alegre: v. 27-28, jan.-dez. 2014/2015, p. 29-41. p. 37.

diretamente ligadas ao contexto e às vivências de seus autores ao longo de suas vidas. Assim, compreendemos que estão carregadas de experiências ou ideologias, sejam as da primeira geração, que esteve ligada às narrativas de enaltecer a figura do imperador, sejam as do início do século, que em sua busca de concretizar o desejo nacionalista, trazem críticas ao que anteriormente era enaltecido.

Tanto a partir das obras do início do século, quanto das de nossos tempos atuais, não podemos cair nas armadilhas de uma compreensão de neutralidade. A percepção de que os historiadores e intelectuais estão presos em seus respectivos tempos históricos acarreta a compreensão de que estes estão sob a influência de ideologias ou quaisquer outros discursos.

Devemos ainda perceber que, após tantos trabalhos, muito se sabe sobre tal acontecimento, mas possivelmente novas visões virão com o passar dos anos, como o próprio autor *neo-revisionista* Fernando Doratioto propôs ao argumentar sobre as futuras publicações sobre tal tema, invocando o refrão de uma das músicas do consagrado cantor brasileiro Cazuza. Finalizamos, assim, o presente trabalho com a mesma reflexão... ou, melhor, a mesma constatação:

“Tuas ideias não correspondem aos fatos  
O tempo não para...”

## Referências

### Livros

CHIAVENATTO, Júlio José. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

POMER, León. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rio-platense*. Tradução Yara Peres. São Paulo: Global, 1980.

### Anais

SANTOS, Orlando Bispo dos. Alistamento de escravos negros no exército brasileiro: Guerra do Paraguai (1864-1870). In: III Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Salvador-BA: Anais do III CONINTER, v. 9, 2014, p. 96-108. Disponível em <http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2009/08.%20SANTOS.pdf> (Acesso em 07 de novembro de 2017).

### Periódicos

AMAYO, Enrique. A Guerra do Paraguai em perspectiva histórica. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 9, n. 24, mai/ago 1995, p. 255-258. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141995000200013> (Acesso em 08 de novembro de 2017).

DORATIOTO, Francisco. História e ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Buenos Aires: Museu Histórico Nacional da Argentina, 2008. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/49012>. (Acesso em 05 de novembro de 2017).

FERREIRA, Nilda Tevês; EIZIRIK, Marisa Faermann. Dossiê: Educação e imaginário social: revendo a escola. Em *Aberto*, v. 14, n. 61, 1994. Disponível em <http://emaberto.inep.gov.br/> (Acesso em 07 de setembro de 2018).

LESSA, Carlos. Nação e Nacionalismo a partir da experiência brasileira. *Estudos Avançados*, v. 22, 2008, p. 237-256. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a16v2262.pdf> (Acesso em 05 de novembro de 2017).

MAESTRI, Mário. A Guerra contra o Paraguai: História e Historiografia: da instauração a restauração historiografia (1971-2002). *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Buenos Aires: Museu Histórico Nacional da Argentina, 2009, s/p. Disponível em <http://journals.openedition.org/nuevomundo/55579> (Acesso em 04 de setembro de 2018).

MANOEL, Ivan A. O Ensino de História no Brasil: do Colégio Pedro II aos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Conteúdos e Didática de História*, UNESP, 2012, p. 1 – 24. Disponível em <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46194/1/01d21t11.pdf> (Acesso em 07 de novembro de 2017).

MOTA, Carlos Guilherme. História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870) 130 anos depois. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 9, n. 24, mai/ago 1995 p. 243-254. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141995000200012> (Acesso em 07 de novembro de 2017).

SALLES, André Mendes. A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira: algumas considerações. *Cadernos do Aplicação*. Porto Alegre: v. 27-28, jan.-dez. 2014/2015, p. 29-41. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/viewFile/49957/38164> (Acesso em 05 de novembro de 2017).

SILVA, Edlene. Livros Didáticos e o Ensino de História. *História & Ensino*, Londrina, v. 17, n. 01, 2011, p. 07-31.

SQUINELO, Ana Paula. Revisões historiográficas: A guerra do Paraguai nos livros didáticos Brasileiros – PNLD 2011. *Diálogos*, v. 15, n. 01, 2011, p. 19-39. Disponível em <http://www.redalyc.org/html/3055/305525027002/> (Acesso em 04 de setembro de 2018).

SQUINELO, Ana Paula. 150 anos da Guerra do Paraguai: olhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. *Diálogos*, v. 19, n. 03, 2015, p. 921-927. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/viewFile/33724/pdf> (Acesso em 08 de setembro de 2018).

TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 9, n. 24, mai/ago 1995, p. 287-296. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141995000200015> (Acesso em 08 de novembro de 2017).

### Monografia e dissertações

BATISTA, Luis Claudio. *Guerra do Paraguai: Peculiaridades do recrutamento*. Monografia (Trabalho de conclusão de curso [TCC] em História). Curitiba: UFPR,

2010. Disponível em [http://www.historia.ufpr.br/monografias/2010/2\\_sem\\_2010](http://www.historia.ufpr.br/monografias/2010/2_sem_2010). (Acesso em 05 de setembro de 2018).

FERRER, Francisca Carla Santos. *O recrutamento militar na Guerra do Paraguai: Voluntariado e coerção*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Sociedades Ibero-Americanas Porto Alegre: PUC Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp020547.pdf> (Acesso em 04 de novembro de 2017).

RODRIGUES, Marcelo Santos. *Os (in) voluntários da pátria na Guerra do Paraguai*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2001. Disponível em <https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2001>. (Acesso em 05 de setembro de 2018).